

O amor possível

Contos “sociais” e “imorais” com uma abordagem indirecta e subtil muito bebida nos ficcionistas americanos **Pedro Mexia**

Histórias de Amor

José Cardoso Pires

Edições Nelson de Matos 19 €

★★★★☆



“Imoral. Contos de misérias sociais e em que o aspecto sexual se revela indecorosamente. De proibir”. Estávamos em Agosto de 1952, e foi assim que a

Censura justificou a retirada das livrarias da colectânea de contos “Histórias de Amor”, editada em Julho desse ano. José Cardoso Pires, jovem autor que se estreara em 1949 com “Os Caminheiros”, escreveu uma carta às autoridades garantindo que não aprovava os comportamentos “imorais” descritos nos seus contos. E acrescentou que se havia algum realismo desagradável nos textos era porque tal realismo correspondia a

realidades de facto.

A carta, cautelosa na forma e certa no fundo, vem reproduzida em apêndice à reedição de “Histórias de Amor”, cinco décadas passadas. O livro retoma a versão original destes cinco textos, quatro dos quais já tinham sido reescritos e republicados em “Jogos de Azar” (1963). E assinala ainda as passagens que o censor reprovou (“camandro”, “a curva das costas e das nádegas”, coisas assim). Depois de “Dispersos” (2005) e de “Lavagante” (2008), continuamos pois a descobrir textos de formação do escritor José Cardoso Pires. E o interesse vai geralmente além da simples juvenília.

Talvez o mais importante nestes contos seja a sua técnica realista, especialmente uma abordagem indirecta e subtil muito bebida nos ficcionistas americanos. Assim, em “Week-end” temos um banal adultério num quarto de passagem, tão carnal na sua consumação como assombrado no seu desenlace. “Uma simples flor nos teus cabelos claros” avança contrapondo banais arengas domésticas e citações de um romance romântico. Em “Ritual dos pequenos vampiros” acompanhamos um grupo de patifes que combinam os seus álibis em zonas inhóspitas da cidade. E “Romance com data” descreve uma volúpia erótica interrompida pela polícia política. Nenhum dos textos é notável, mas todos têm assinaláveis qualidades: a criação de ambientes através de ruídos da rua e outras distrações, a intensidade sexual

algo “naïf” ou aqueles pormenores de intensidade como o agente que dá pancadinhas nos móveis com um jornal dobrado. A acção, como notou à época Óscar Lopes, domina o processo narrativo, com frases concisas e desenvolvimentos elípticos. Aos 27 anos, o jovem escritor ainda não tem o apuro estilístico que mais tarde adquiriu, mas já há uma vontade (e aqui também uma necessidade) de não ser explicativo que o afasta do realismo português então (e agora) dominante.

O conto mais significativo do conjunto é “Dom Quixote, as velhas viúvas e a rapariga dos fósforos”, aqui apresentado como uma “novela”. O tal “realismo imoral” que foi vítima do lápis azul aparece em duas criações: a rapariga que mordisca fósforos e uma matilha de velhas. As velhas são um coro encardido e maledicente, beatas tétricas como encontramos em João Abel Manta, e que são uma caricatura verosímil, figuração negra do Portugal de 1952. Já a rapariga é uma triste adolescente que vagueia pelas estradas, alta noite, à espera de quem a engate: “(...) nas magníficas rotas de asfalto que se espraiam pelas colinas que ficam para os lados do Tejo e do oceano, há coutadas, pequenos miradouros solitários de paisagens verdadeiramente turísticas e de propaganda onde se podem fazer surtidas ao amor em horas clandestinas. / Por estas estradas tenho ouvido dizer que andam à solta os cavaleiros românticos do nosso tempo. (...) / Pelo caminho, aqui e ali, espalham-se, como postos de gasolina, as damas saídas às tantas da noite de certos lugares de diversão e camaradagem ocasional. (...) / Como o Rocinante de hoje, passam os modernos militantes do amor, confundidos também com peças metálicas, estofos, carburadores (...). E dizem que procuram igualmente o amor inacessível, porque jamais o conheceram nas formas mais simples, e que criam o imprevisto para excitante, pela aventura da mulher adúltera ou pela da manicura do sábado à noite” (págs. 70-72). Como se vê, estas “misérias sociais” em que “o aspecto sexual se revela indecorosamente” sugerem uma amarga ironia no título. Exceptuando a prostituição e as intensidades amorosas



José Cardoso Pires

PEDRO GUINHA